



Editorial

Literatura

Mais uma vez organizado por **Pedro Dolabela Chagas** (UFPR) e **Gabriel Mograbi** (UFMT), o dossiê temático retoma os temas e objetivos do dossiê publicado na nossa última edição: abordar as relações entre a teoria e a crítica literária e as ciências cognitivas, a teoria da evolução, as neurociências, a neurofilosofia e a filosofia da mente, em suas contribuições para a compreensão do conceito de literatura, da sua origem e função social e da sua recepção individual. Conforme antecipado no último editorial, trata-se de um campo emergente na universidade norte-americana, mas cujo ineditismo na universidade brasileira foi rompido apenas com a edição da Eutomia de dezembro de 2014. E mais uma vez as contribuições foram profundamente variadas: **Daniel de Luca** debate certas abordagens recentes da cognição social que se propõem uma abordagem fenomenológica da empatia, para sugerir os limites da experiência perceptual direta com outras mentes em situações ordinárias de coordenação de ação (ao final derivando desta constatação certas implicações para estudo do fenômeno literário); **Pedro Dolabela Chagas** aborda o enredo trágico a partir da psicologia evolutiva, analisando vários dos seus elementos como respostas a interesses naturais da espécie humana; **Gabriel Mograbi** apresenta uma revisão detalhada de dois artigos importantes da psicologia experimental a respeito da relação entre sensibilidades interpessoais e a exposição a narrativas ficcionais, com ênfase especial no romance; **Diogo Gurgel** toma exemplos da literatura para estabelecer critérios de distinção entre a ocorrência de nomes próprios em metáforas analógicas e em metáforas categóricas, sugerindo que essa distinção ilumina o modo pelo qual metáforas literárias podem assumir

compromissos ontológicos, assim ajudando a distinguir certos padrões metafóricos distintivos e idiossincráticos presentes em textos literários; tomando por base o romantismo e o transcendentalismo americano; **Eduardo Vicentini de Medeiros** investiga a presença continuada na produção cultural das “ficções morais”, definidas como crenças sobre o comportamento moral que dão expressão à autonomia da moralidade; **Rodrigo Bueno Ferreira e Maurício Benfatti** assumem a perspectiva da pragmática linguística para evidenciar que os recentes avanços nas ciências da linguagem, da cognição e da comunicação fornecem uma boa compreensão sobre os fenômenos narrativos, sob um padrão de investigação naturalista; por fim, **Nazareno Eduardo de Almeida** confronta o paradigma pós-estruturalista do “texto” mediante uma interpretação da filosofia de Heráclito orientada pela proposta de abordar o sentido literário da filosofia a partir de uma análise semiótica cognitivamente orientada.

Estudos do Romance – o artigo de **Luciene Azevedo** (UFBA), “Romances e não-romances”, registra como, desde as anotações de Barthes, feitas para seu curso sobre a Preparação do Romance, até dicções mais veementes como as do ensaio-manifesto “Literaturas pós-autônomas”, de Josefina Ludmer, é possível ler uma drástica operação de esvaziamento sofrida pela literatura na contemporaneidade, afetando o romance como forma de ficção pura. Nesse sentido, sem negligenciar a extensa bibliografia teórica sobre o romance que não se cansa de realçar a instabilidade de sua forma como traço característico do gênero, arrisca a hipótese de que alguns exemplos contemporâneos sugerem novas maneiras de fabricar e consumir literatura hoje, que apontam para a remodelação das fronteiras do gênero romanesco. Flertando com o ensaio, com a prática da anotação ou com a autoficção, os romances parecem exceder a forma do próprio romance, expondo ao leitor a manufatura do processo de composição, descartando a própria literatura como fonte da produção literária. Já o texto de **Lucia Sano** (Unifesp), “História e ficção no romance grego e o caso de Siracusa em Quéreas e Calírroe, de Cáriton de Afrodísias”, trata da natureza essencialmente mimética do romance grego, investigando como exemplo os usos da historiografia no gênero e, em particular, o caso de Siracusa em Quéreas e Calírroe, de Cáriton de Afrodísias (século I d.C.), possivelmente o primeiro exemplar do gênero e referência primordial para os demais romancistas gregos. Cáriton parte de um dos episódios mais conhecidos da historiografia antiga (a derrota dos atenienses em Siracusa em 415

a.C.), explorando o conhecimento lacunar de seus leitores a respeito dos personagens nela envolvidos para escrever uma obra fictícia e de temática amorosa que busca, contudo, de alguma forma inscrever-se dentro das limitações impostas pela tradição historiográfica.

Estudos da Tradução – Ao alcançarmos o número 15 desta revista, optamos por ampliar o espaço e as oportunidades de reflexão para a tradução literária. Para a coluna que assim se inaugura acolhemos o texto de **Luana Ferreira de Freitas** e **Rebecca de Lima Correia**, respectivamente, professora doutora e aluna da pós-graduação da UFC, que discutem a sobrevivência ou não da forte linguagem pornográfica de dois poemas de Bukowski quando traduzidos por Pedro Gonzaga, com o título de "O amor é um cão dos diabos". Figuras do discurso são tomadas como base para a análise, que se desenvolve mediante a comparação entre fragmentos do texto em inglês e trechos da tradução de Gonzaga.

Em *Conexões*, **José Alexandre Ferreira Maia** nos traz "O Paganismo Essencial em Ricardo Reis", uma leitura cotejada de Odes - Livro Primeiro de Ricardo Reis, na qual é revelada uma precisa reelaboração dos esquemas poéticos empregados por Horácio em sua lírica. O paganismo é concebido por Ricardo Reis como uma ideia naturalmente sua. O imaginário pagão ressurgem em seus versos, não como uma evolução do clássico ou dos classicismos a ele associados, mas como se estivesse no próprio poeta enraizado; como se, por ventura, toda sua formação cultural estivesse essencialmente ligada ao mundo pagão romano. Este complexo processo de criação poética, somado ao também inusitado processo de criação heteronímica, confere aos poemas de Ricardo Reis um classicismo "sui generis", cujos princípios fundamentais e os aspectos distintivos procuraremos analisar. **Aline Magalhães Pinto** indaga se a criatividade e a mimesis ocupam campos opostos, pois a questão da criação não se enclausura nos domínios do campo da arte, tampouco a concepção de mimesis se encerra como identidade metafísica entre ser e natureza. Acerca da oportunidade e sentido de se tematizar a mimesis, pela força das significações que tal termo consegue mobilizar, é necessário compor uma trajetória que permita pensá-la como um fenômeno inscrito nos complexos panoramas de longa duração. Ao mesmo tempo, enfocá-la em permanente tensão com a capacidade de invenção e de inovação humanas. O irreversível que infinitamente se reescreve: a força do documento-

suplemento na filosofia de Jacques Derrida. Já **Claudio Willer** faz desdobrar o seu texto sobre a poética de Roberto Piva – “Piva, poeta do corpo” – por meio de uma elocução que acentua o caráter pessoal e afetivo de sua abordagem: “Por volta de 1963, acompanhei Piva em uma visita ao ateliê do fotógrafo Otto Stupakoff, amigo do artista plástico Wesley Duke Lee, que acabara de ilustrar *Paranóia*. Foi recebido carinhosamente: Stupakoff segurava Piva pelos ombros, e murmurava com uma voz doce: “sexy Piva... sexy Piva...” O episódio pode ser relacionado a um interessante conjunto de deslocamentos. Quem fotografou *Paranóia* foi Wesley Duke Lee; mas o fotógrafo daquele grupo era Stupakoff; o merecedor do qualificativo de “sexy”, pela importância dos nus em sua obra.”

Na seção *Poesia*, **Josely Vianna, Mariana Ianelli, Wilson Freire, Mariana Arraes de Alencar, André Luiz Cosme Ladeia, Bruce Parker, Wilson Torres Nanini, Marcia Cavendish Wanderley, Adriana Zapparoli, Nicolas Behr, Chico de Assis e Adriana Lisboa.**

E uma resenha de **Martha LaFollette Miller**, sobre *L'amica geniale: infanzia, adolescenza (Rome: Edizioni e/o, 2011)*, de *Elena Ferrante*, que vislumbra obliquamente o tema das identidades ocultas, das máscaras, sempre caro à ficção.

Linguística

Dossiê temático: A formação docente na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo

Ao concluir a apresentação dos dois volumes dedicados às “Contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo para o ensino e a aprendizagem de línguas”, ambos publicados em 2014, sentimos a necessidade de agregar pesquisas sobre a formação docente na perspectiva da escola genebrina. Com isso, vislumbramos a possibilidade de apresentar trabalhos que abordem aspectos diversos, abrangendo, entre outros, a formação, as práticas de sala de aula, as representações do professor, os saberes necessários para ensinar, ressaltando o desenvolvimento humano.

No presente volume, apresentamos à comunidade acadêmica e a todos os interessados um conjunto de nove artigos com resultados de experiências realizadas em sala de aula e sobre ela; reflexões sobre o trabalho do professor e sua ação de ensino; sobre

a formação do professor, seja ela inicial ou continuada. Nessa perspectiva, dividimos a seção de Linguística em dois blocos bem definidos, privilegiando os níveis da formação docente. O primeiro ressalta os trabalhos realizados no contexto da formação inicial e o segundo focaliza trabalhos no contexto da formação continuada.

No tocante ao contexto de formação inicial, temos quatro artigos. Os três primeiros tratam do estágio do Curso de Letras e focalizam textos escritos pelos futuros professores. No primeiro artigo, **Pollyanne Ribeiro** e **Fernanda de Castro** analisam as representações dos estagiários nos relatórios de regência, buscando mostrar como é constituída a identidade do futuro professor. Também analisando o texto do estudante no final de sua formação inicial, **Fatiha Parahyba** e **Eulália Leurquin** divulgam os resultados de suas pesquisas sobre como os estudantes em formação inicial verbalizaram por escrito seus saberes acerca da docência e como a produção escrita foi vivenciada por eles. O artigo de **Monica Serafim** ressalta as concepções de leitura de estudantes e de professores da Educação Básica. O primeiro bloco é concluído com o artigo de **Alessandra Silva, Francini Corrêa** e **Vera Cristovão**, cujo objeto de estudo são as representações do professor formador em textos por ele escritos. O objetivo das autoras é ampliar a compreensão do trabalho dos formadores.

O segundo bloco é composto por cinco artigos cuja referência é a formação continuada do professor. No primeiro artigo, **Mariolinda Ferraz** e **Adair Gonçalves** mostram o modelo da formação realizada por eles e os resultados alcançados. Os autores tinham como base estudos desenvolvidos pela equipe de Genebra no âmbito da Didática de línguas. No artigo seguinte, **Dorotea Kersch** e **Renata Marques** propuseram a leitura e a escrita, no ambiente de tecnologias digitais, como estratégia didática para mudar a realidade de escolas da periferia de São Leopoldo. **Anderson Carnin** nos mostra como o trabalho didático de um professor é afetado pelo seu desenvolvimento profissional. **Lídia Stutz** e **Fábio Carneiro** sublinham uma reflexão desenvolvida por eles sobre o que o professor de línguas faz da sua ação docente e a relação dessa reflexão com a apropriação dos saberes necessários ao seu trabalho. **Glaís Cordeiro** finaliza esse bloco com uma contribuição sobre a didática do ensino da leitura na educação infantil. A autora ratifica a importância do professor na sala de aula e propõe critérios de compreensão textual.

A nosso convite, encerrando esta edição, **Jean Paul-Bronckart** apresenta em três tempos as suas contribuições. Ele parte das bases epistemológicas do ISD, reúne os

enfoques dados ao tema, isto é, *A formação docente na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo*, e nos mostra as articulações realizadas entre este quadro teórico e outros, em função dos objetivos das investigações em discussão. No curso de sua construção discursiva, Bronckart delinea quatro ângulos, ao agrupar as nove pesquisas realizadas e, ao mesmo tempo, mostra quatro perspectivas de entendimento da problemática. O mentor do ISD conclui seu texto apontando elementos que nos dão pistas para uma redinamização da formação inicial e continuada de professores.

Esperamos ter atingido nossos objetivos, isto é, prestar uma homenagem ao professor Jean-Paul Bronckart; contribuir para difundir o Interacionismo Sociodiscursivo; e construir um acervo que possa, de alguma maneira, servir como uma referência para entender questões relacionadas ao ensino e aprendizagem e à formação de professores.

Pedro Dolabela Chagas (UFPR), Gabriel Mograbi (UFMT), Eulália Leurquin (UFC),
Sueli Cavendish (UFPE) e Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE).